

É circo. Ou manicômio?

O BRASIL ASSISTE AO ESPETÁCULO QUE HOJE EM DIA
PODEMOS ENCENAR. TALVEZ A FICÇÃO O DESCREVESSE
MELHOR, MAS RESTA A PERGUNTA: POR QUÊ?

por MINO CARTA

Neste circo, o equilibrista caminha na ponta dos pés sobre o fio colado ao chão da arena, o público na plateia em semicírculo aplaude freneticamente. É um dos pontos altos do espetáculo. O equilibrista sorri na ponta dos lábios, gosta de aparecer, chama-se Moro, Sérgio Moro, há quem o confunda com Bond, James Bond, embora este seja mais um ginasta que mastiga os esses para falar. Em meio à assistência, ex-candidato a mestre de cerimônia, derrotado, figura de proa dos saltimbancos, bate palmas, rendido às graças do equilibrista. Chama-se Fernando Haddad. Outro espectador, de nome Ciro, sumiu no espaço infinito do parque de diversões.

Não há circo sem arena, tampouco sem palhaços, aqui em profusão, muitos deles sentam-se na plateia à falta de alocação precisa na arena. Minha tia recitava uma poesia ao menino que já fui: *Quando você ri/ vejo os palhaços/ buscam em vão algum recato.* Aqui sequer tentam, embora eleitos para a Câmara

e o Senado, ou às Assembleias estaduais. Um deles senta-se com a mulher no colo e impavidamente ostenta um chapéu texano. Um militar adentra a arena com uma Bíblia Sagrada debaixo do braço, enquanto na plateia uma dama protesta porque os fotógrafos se aglomeram para focalizar seu decote desabrido.



Este cavalheiro de outro tempo não atacava moinhos a vento, mas em 1988 iludiu-se

Trapezistas fardados executam um número sem rede ao rés do chão, com gestos eloquentes a mostrar todo o risco que enfrentam. Mestre de cerimônias, o senhor Bolsonaro, coadjuvado pelos três filhos, finge atirar a esmo contra o público, mão direita à frente a imitar um revólver, a assistência delira aos gritos de aprovação. O senador Renan Calheiros informa que não traiu a esposa por uma jornalista rechonchuda e a entregou a um apaniguado munido de membro mecânico. Entra na arena em posição de destaque um sócio de Sancho Pança, privado, porém, da picardia realista da personagem de Cervantes, e das qualidades que Kafka lhe atribuiu como de inventor de Dom Quixote a bem das aventuras de ambos, divertidas além da conta.

Pausa. Mais que isso, tempo de explicação: como se deu por ocasião da edição de fim de ano, tomou-me o impulso de escrever mais um conto, maneira mais adequada à apresentação da situação nativa. E por aí fui, a despeito das recomendações do meu caríssimo e inesquecível amigo Raymundo Faoro: “Não exagere na ironia, vão achar que você fala sério”.

LULA MARQUES E FERNANDO BIZERRA



A plateia bate palmas, Joyce Hasselmann prefere a continência, enquanto Pastor Sargento Isidório sobraça a Bíblia Sagrada, onipresente como de direito na encenação. Registre-se a presença da cabo da PM paulista Kátia Sastre. A personagem da última foto abaixo não é Sancho Pança





Os eleitos e empossados celebram o triunfo político até com beijos hollywoodianos. Observe-se a infatigável presença de Alexandre Frota, e o garbo com que sai de pés lépidos para dançar com o governador Doria

